

PADRE-MESTRE CORREIA DE ALMEIDA: VIDA E OBRA

Zenaide de Araujo Gomes Vieira Maia*
Thereza da Conceição Aparecida Domingues**

A história da vida do Padre-Mestre José Joaquim Correia de Almeida está envolvida em uma série de dúvidas, devido à passagem do tempo. Mesmo assim, seguindo críticos, biógrafos e notícias de jornais, que traçaram com minúcias os principais acontecimentos que marcaram a existência do Autor, tentar-se-á uma nova nota biográfica que o apresente à geração do terceiro milênio.

El-rei de Portugal inda era dono
do aurífero Brasil, e em Barbacena
eu nasci, destinado a usar da pena
que produz no leitor fastio ou sono.

Para os barbacenenses, 4 de setembro de 1820 é uma data histórica, visto que é a do nascimento de um de seus maiores poetas, o satírico José Joaquim Correia de Almeida como ele mesmo afirma nestes versos, explorando um bem humorado trocadilho:

Saibas tu, leitor biógrafo,
e saiba qualquer ouvinte;
mil oitocentos e vinte
é o ano em que nasci.
Diz-me a crônica doméstica,
porém disso não me lembro,
que era *quatro de setembro*
quando leite apetecei.

Oh! que estupendo espetáculo
presenciaram meus olhos!
Por falta de uns bons antolhos
com certeza me espantei!
Aos melífluos, doces ósculos
de carinhosa *ama minha*
eu preferi a maminha,
e logo me amamenteei.¹

Estudou música, humanidades e filosofia em São João del Rei. Em 1840, militou

* Profa. Curso de Letras da UNIPAC - Barbacena // Mestranda CES - Juiz de Fora.

** Profa. doutora pela UFRJ. Profa. titular no CES/JF.

¹ ALMEIDA, Correia de. *Sensaborias métricas*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1890, p. 20.

politicamente sob a bandeira liberal. Foi um liberal moderado, influenciado pela filosofia tradicionalista francesa, subordinando a razão a valores transmitidos pela tradição em matéria de Fé e de moral e o respeito à autoridade. Em 1841, iniciou carreira do magistério, primeiro como professor de língua latina e depois, de língua francesa. Após preparar-se em Mariana, em 1844, é ordenado sacerdote. Rezou sua primeira missa em Barbacena. Em 1854, lança seu primeiro livro de poemas, no Rio de Janeiro e continuou a escrever até 1904, cerca de 19 obras publicadas.

Em 1881, houve o lançamento do livro **A república dos tolos**, onde fez um auto-retrato:

Baixo músico, sem mérito,
recebi ordens de padre;
e, quadre bem ou não quadre,
rimo meu verso também.
São de efeito estes três títulos
e podem dar-te a medida,
que aliás não é pedida,
do quanto e como andei bem.

Pondo a mão na consciência,
dir-te-ei e não é peta,
que não tenho na gaveta
às vezes nem dez tostões.
Um padre-poeta-músico
(tripeça desengonçada)
é uma bem desgraçada
trindade de pobretões.

.....

E, a despeito da penúria,
vivo alegre, e dou risadas,
e gentes ajuizadas
também me ajudam a rir.
Só algum fidalgo exótico,
por lhe eu parecer lanzudo,
inculcando-se sisudo,
fará bem em me aborrir.²

² ALMEIDA, Correia de. *A república dos tolos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1881, p. 18.

Padre-Mestre Correia de Almeida foi um colaborador freqüente de jornais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Teve seu poema *Carnaval* apreciado com muito entusiasmo por Antônio Feliciano de Castilho, poeta português.

Faleceu no dia 4 de abril de 1905, em Barbacena.

Em 4 de fevereiro de 1982, Carlos Drummond de Andrade lembrou ao Conselho Estadual de Cultura, de Minas Gerais, a necessidade de uma edição completa de suas poesias.³

A PARÓDIA

Na paródia, as idéias magicamente se inter-relacionam e se ajustam. Tudo se encaixa. Elementos diferentes dentro de temas que se entendem e se apresentam em contraste. É a sátira menipéia se destacando na forma de paródia. Ela está relacionada à cosmovisão carnavalesca desde a Antigüidade. É ambivalente na criação de um duplo destronante, levando tudo para um mundo às avessas. Participa tanto do riso triunfal quanto do riso fúnebre. Constitui-se num sistema de espelhos deformadores, que tanto alongam e reduzem, quanto proporcionalmente distorcem. De todo jeito, a paródia é uma maneira de a linguagem voltar-se para si mesma. Ela perverte o sentido do outro texto que lhe deu nascimento. Na paródia os dois textos devem ser discordantes, deslocados. A tragédia transforma-se em comédia. Tem-se parodiado do drama satírico aos temas relacionados com o Renascimento até a atualidade.

A paródia, objetivando o novo e o diferente, sempre instaura um novo paradigma. Ela constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem sintagmaticamente. Remete à idéia de intertextualidade das diferenças. Cria um discurso que denuncia a duplicidade, a

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. O Padre satírico de Barbacena. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 7, fev., 1982.

ambigüidade e a contradição. Evidencia uma função catártica, funcionando como contraponto nos momentos de maior dramaticidade. Traz à tona o que estava recalcado, informações ocultas. Provoca uma leitura nova, anticonvencional.

Um bom leitor, afeito a boas e freqüentes leituras, convence-se de que em cada obra lida há alguma fusão, alguma repetição de algo já conhecido. E descobre que esta intertextualidade favorece o entendimento, quando remete a algum arquétipo, oriundo de outros textos antecedentes. Encontra, assim, uma relação de realização, de transformação ou de transgressão a outro texto. A sua compreensão exige uma hábil decifração da linguagem literária. A intertextualidade tanto condiciona o uso do código lingüístico, quanto se insere no conteúdo formal da obra criada.

Assim acontece com a paródia, ao se relacionar simultaneamente com a obra caricaturada, ela é sempre intertextual. A paródia não é somente uma junção confusa e misteriosa de influências, mas, é sobretudo, a transformação de outro texto já escrito. Transformação que comporta sempre uma modificação de conteúdo, rompe com ele sutil ou claramente. A paródia, às vezes, ainda que mostrando sua atitude de rompimento, faz homenagem ao texto retomado ou a seu autor. Também questiona o modelo literário em que se inspira, assim como este questiona o discurso ideológico de seu tempo. Numa dinâmica dialética, os dois textos se aceitam e se repudiam, denunciando as verdades de um mundo em freqüente transformação.

Depreende-se daí que o parodista é um eterno inconformado, assume e recusa a própria cultura. Sua criação emerge da destruição do modelo que ele transforma. Sua construção avaliza, ironiza e desmistifica o real. Sem solução definida, interessa-lhe provocar a reflexão do leitor, tal qual a cosmovisão carnavalesca. O parodista joga com a própria língua, escarnece procedimentos em vigência, e revela o que está atual e o que está ultrapassado na realidade. Os gêneros são por ele contaminados e fogem da organização

oficial. É propositadamente ambíguo, denuncia conscientemente. Põe em dúvida as ordens tradicionais, critica sua sociedade, provoca novas possibilidades de ser e de pensar. Ficciona a ficção artisticamente. Sua ironia conduz ao desconhecido, através do conhecido, faz a consciência crítica agir sobre a tradição. Pela inversão dos valores tradicionais, o parodista provoca estranhamento ao leitor. Com humor, leva o trágico ao cômico, protegendo e agredindo, ao mesmo tempo, seus personagens ambíguos e polivalentes. Curioso notar que é mais irônico que satírico, mais sério do que cômico. Tem autonomia, vida própria, sem ser independente do texto gerador. Revela um novo e significativo mundo. Dissimula, estiliza, critica uma ideologia, introduz um discurso novo, uma significação contraditória à palavra da sociedade, criticando o próprio sistema. Desconstrói para construir, instaura uma nova linguagem, mascara para desmascarar a realidade, num espaço lúdico, de falso e verdadeiro.

A paródia, na sua percepção carnavalesca do mundo, quebra cadeias, desfaz conceitos, busca a verdade, provoca no leitor novas idéias e novas atitudes. Recua e esvazia, dessacraliza sem descrer, tenta passar um caráter positivo e inicia um modelo que lhe é típico. Institui uma tensão entre passado e presente, ressaltando o poder de renovação do autor parodista.

Analisando a paródia, seguindo os passos de Bakhtin⁴, encontram-se características que a integram:

- a) uso da fala de outro autor;
- b) intenção oposta à original;
- c) descida do plano espiritual para o material;
- d) não conduz a antagonismos, mas os textos se tornam antagônicos;
- e) a individualização não chega a ser mais rica de conteúdo;
- f) os dois planos são discordantes, deslocados;

⁴ MIKHAIL, Bakhtin. *Problemas da poética de Dostoiévsky* Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p. 109.

- g) provoca distanciamento da origem; inversão do sentido;
- h) faz a intertextualidade das diferenças;
- i) pode admitir a banalização;
- j) estabelece uma nova leitura, uma tomada de consciência crítica.

Os jogos estilísticos, o acento, o vocabulário, as relações entre a palavra e o pensamento, o interdito fazem surgir a ironia, numa certa forma de carnavalização.

Padre-Mestre Correia de Almeida deixou alguma obra poética parodística, permitindo uma leitura diferente, carnavalizada. Por isso, escolhemos a paródia como um dos traços significativos de sua arte poética a ser estudado. Percebemos que Padre-Mestre Correia de Almeida cortou a linguagem convencional trocando o significado de seus elementos, realizando uma inversão e um deslocamento. Ele desmistificou o discurso realista e, ironizando a realidade, tornou-se mais próximo dela. Afirmou uma cultura e definiu uma identidade.

RAIMUNDO CORREIA E PADRE-MESTRE CORREIA DE ALMEIDA

Parodiando Raimundo Correia, nosso poeta revela a cultura opositora do oprimido, o mundo de ponta cabeça. Seus versos desnudam uma questão social e política, numa crítica desmistificadora.

As Pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
 Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
 De pombas vão-se dos pombais, apenas
 Raia sangüínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
 Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
 Ruflando as asas, sacudindo as penas,
 Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...⁵

As Pombas (paródia)

Lá se vão duas pombas despertadas,
mais duas e mais duas e dezenas
de pombas vão-se dos pombais, apenas
pelo albor são as trevas dissipadas.

E à tarde, quando as rígidas nortadas
sopram, eis que aos pombais fartas e plenas,
ruflando as asas, sacudindo as penas,
voltam todas em bando ou debandadas.

Também de meu bolsículo se escoam
tostões, que, dois a dois, rápidos voam,
como voam as pombas dos pombais.

Alígeros metais o vôo soltam,
fogem... mas aos pombais as pombas voltam,
e eles a minhas mãos não voltam mais.⁶

Em *As Pombas*, o Autor-personagem nos mostra que sua paródia se baseia na experiência e na fantasia livre. Não se inspira em lendas ou mitos. Ele adota a experiência, suficientemente madura e a fantasia livre numa nova imagem literária. Apresenta liberdade de invenção temática. A fantasia e a aventura são interiormente motivadas, justificadas e focalizadas com finalidade ideológica. Ele cria uma situação extraordinária para provocar e experimentar uma idéia pessoal. A fantasia serve à busca da verdade. Sua ousadia criadora transborda um universalismo racional e uma sincera capacidade de ver a realidade.

Padre-Mestre Correia de Almeida se apresenta como um homem de palavras e atos decisivos. A paródia revela que a pluralidade de inspiração e de actantes renunciam à unidade

⁵ CORREIA, Raimundo. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1963, p. 22, (Coleção Nossos Clássicos).

⁶ ALMEIDA, Correia de. *Marasmo senil*. Belo Horizonte: Imprensa Joviano, 1903, p. 101.

estilística e inspiradora dos parnasianos. Consegue, numa criação genial, livrando a palavra do automatismo efetivo e da objetivação, revelar as camadas profundas de sua personalidade.

A paródia de “As Pombas” não chega à ridicularização nem ao júbilo. Mas leva tudo para o lado de um mundo às avessas. Produz imagens diferentes: pombas/tostões; coração/bolsículo, num espelho deformador, que materializa o espiritual, distorce a realidade original.

O autor inova conservando e conserva inovando. Como? Pluralizando o primeiro verso do soneto; conservando o *enjambement* para o terceiro verso; dizendo com outras palavras a mesma idéia do quarto verso. Pouco inova no segundo quarteto. Já no primeiro terceto e segundo tercetos, ocorre uma revolução poética: modifica a idéia. Põe os pés no chão e fala de materialidade. Sempre conservando a forma, o ritmo, a métrica e a rima. O vocabulário só tem mudança forte nos tercetos. Assim, ele produz uma poética de recepção nova. Numa produção independente, financiando a própria obra, provoca uma estranha *mésalliance*, combinando sagrado (coração) com o profano (tostões), transmitindo o máximo de idéias com o mínimo de palavras.

Os sinais de pontuação restringem-se, enquanto que Raimundo Correia explora insistentemente as reticências. Em Padre-Mestre Correia de Almeida, as reticências, únicas, convocam o leitor para a reflexão que busca a verdade na relação autor/leitor. Permitem uma confrontação de pontos de vista diferentes sobre um objeto determinado. Em Raimundo Correia, evocam a alegoria, sugerindo mais distanciamento e oportunidade de imaginação. Na paródia, sugerem o bloco carnavalesco mais coeso, com poucas pausas. Em ambos, os sinais obedecem à cadência verbal.

Pode-se admitir que há semelhanças com uma obra psicológica, estruturada nas bases de uma tensão crítica de penetração aguda, sem chegar ao ilógico. Não há hermetismo no vocabulário. O personagem-autor lança mão de expressões risíveis e sérias, fazendo um

deboche literário. Põe em questão, também os elementos da tradição, dos costumes e da espiritualidade do autor, que se mistura com o inusitado entre o espiritual e o material.

O personagem-autor constrói uma cosmovisão carnavalesca, adaptada às necessidades de uma poética responsável por familiaridade e excentricidade. Discorre sobre a existência do ser como matéria viva, pulsando numa situação periclitante, como se quisesse se salvar de uma situação conflituosa após uma reflexão demorada.

O trágico-cômico se traveste de cômico-sério, denunciando a duplicidade, a ambigüidade, revelando o que estava recalcado, contrapondo a comédia ao sublime, sem se transformar num discurso indesejável.

Assim, os jogos estilísticos, o acento, o vocabulário, as relações entre a palavra e o pensamento, o interdito fazem surgir a ironia, numa certa forma de carnavalização.

E os desvios da linguagem literária? Eles existem quase que totalmente no plano do significado. Poeta e leitor não apreendem o mesmo significante. O significado do poema do Padre-Mestre Correia de Almeida é enriquecido por semas pessoais, estéticos. Diferem dos semas essenciais que o leitor comum destaca da língua. Surge, assim, o desvio. O leitor deve decifrar o significado do significante empregado pelo poeta. Numa inventividade maior, o Poeta experimenta um desvio no plano do significante, que não provoca maior dificuldade para o leitor. A plurivocidade é quase total, envolve significante e significado. Por isso, o processo de significação torna-se mais curioso, estranho e valoroso. Dessa forma, ele desce do presbiterato para juntar-se ao povo, apanhá-lo de surpresa, em flagrante, para cantar suas mazelas. Descendo, ele sobe na admiração, com seu nome memorado numa rua, numa escola pública e num distrito que, de certa forma, marca o inconsciente coletivo.

É importante ressaltar no seu texto parodístico o seu valor autônomo. Ele reconduz o texto a uma crítica ideológica do seu tempo, invertendo a imagem ou a mensagem que lhe deu origem. Assim, ele faz uma crítica consciente de sua existência, retira as máscaras que a

encobrem, com gestos e palavras que melhor mostram o ser humano a si mesmo. Com coragem, ele vence o falso pudor, vencendo, pelo avesso, a prudência e a discrição.

Numa forma dialógica, seus personagens invadem o campo de Raimundo Correia, uma vez que são elementos de um mesmo conjunto de idéias, de um cruzamento simbólico de caminhos, com base numa dialética polifônica, na qual o autor mantém o seu papel. Tudo isso, sem tomar o realismo grotesco como categoria estética, sem fazer a estética da diferença escandalosa entre forma e conteúdo, capaz de suscitar efeitos paradoxais e ridículos. Ele consegue manter o pensamento elevado e sublime, vivido e encenado.

Finalizando, afirma-se que o texto literário do autor parnasiano se insere na história e na sociedade também como texto que Padre Mestre Correia de Almeida lê e nos quais se insere ao reescrevê-lo. O espaço textual parodístico adquire um conjunto de novos elementos sêmicos ambivalentes. Surge uma contradição e uma relativização manifestada no dialogismo essencial do carnaval. Criticando o sistema social vigente, Padre-Mestre Correia de Almeida distancia a verdade comum e dá liberdade a uma outra verdade. Desconstrói para construir. Desmistifica o discurso realista dos parnasianos. A partir da melancolia, sem amargura, resultante da inexorabilidade, desenha uma tentativa de encontrar uma maneira de deter o fluxo inexorável.

Que a palavra polissêmica, irônica, paródica de Padre-Mestre Correia de Almeida, participante de um diálogo inter e intra-textual, na sua ambigüidade, suscite novos leitores capazes de recriar sua obra, lendo-a na sua maneira particular de leitura, diferente daquela que se realizou no tempo do autor. Por tudo isso a paródia de Padre-Mestre Correia de Almeida é um marco importantíssimo na sua trajetória poética carnalizada e merecedora da atenção daqueles que ainda não a conhecem.